

A CASA SOBRE A ROCHA

“Quem escuta as Minhas palavras e as põe em prática é como o homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; mas não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. Aquele, porém, que ouve as Minhas palavras e não as põe em prática, é semelhante ao néscio que edificou a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa, e ela desmoronou-se; e grande foi a sua ruína!” (Mt 7, 24-27)

Castelos na areia e castelos na rocha

Neste verão, fiz alguns castelos na areia, sentada à beira-mar ao lado dos meus filhos. Eram lindos, decorados com belas conchas e finas algas, com passagens subterrâneas e pontes sobre fossos de água salgada. As nossas mãos moldavam-nos com facilidade e prazer, e construía-los exatamente como desejávamos. Mas antes de deixarmos a praia, já a maré os tinha submergido.

Neste verão, subimos em família à montanha e explorámos as belíssimas Aldeias Históricas da Beira Interior, com os seus castelos, já não de areia, mas de rocha. A visão de aldeias inteiras construídas sobre rochas e de penedos empoleirados uns sobre os outros é impressionante. “Como é possível estas rochas não caírem, mãe?” Perguntavam os mais novos, surpreendidos. E quando lhes dizíamos que estavam ali, no mesmo equilíbrio paradoxalmente estável, há mais tempo do que somos capazes de imaginar, ficavam extáticos. “Imagina olhares para um monte de rochas e dizeres: que belo lugar para uma casa!” Brincou o Francisco, diante de várias casinhas não apenas sobre a rocha, mas sob, dentro, ao lado da rocha.

Neste verão, o Daniel, de ano e meio, cresceu muito. À beira-mar, descobriu a maciez da areia, que saboreou prazenteiramente e moldou entre os dedos. Os seus pezinhos caminhavam sem se magoarem, e as suas quedas frequentes não faziam doer. Mas foi nas muralhas rochosas dos castelos, nos caminhos de granito que não se moldavam aos seus pés, nas encostas escarpadas das aldeias beirãs, que o Daniel aprendeu a ultrapassar obstáculos, a subir, a descer, a cair, a fortalecer os joelhos e o caráter.

Neste verão, entre a areia e a rocha, lembrei-me da parábola de Jesus.

Chuvas e ventos, areia e rocha

Com o início de um novo ano letivo e pastoral em plena pandemia, a tempestade aproxima-se. Se nos treinarmos agora a vencer ventos e chuvas, estaremos equipados para o fazer o resto da vida. Qual o segredo de uma casa inabalável? Pensamos, equivocadamente, que o segredo está apenas na dedicação dos construtores. “Em que é que eu errei?” Perguntam muitos pais e muitas mães dedicados, que investiram tudo para educar filhos bem-sucedidos segundo todos os critérios mundanos, critérios económicos, académicos, artísticos, de saúde. Porque se afunda a sua família, porque se divorcia o casal, porque se afastam os filhos

da fé? Pelo contrário, há famílias pouco atraentes, segundo critérios mundanos, mas que transpiram felicidade. Mesmo sem “dar nas vistas” do mundo, são famílias capazes de enfrentar qualquer tempestade. Nesta parábola, Jesus não fala dos construtores, do seu grau de dedicação que, naturalmente, deverá ser grande. O segredo, diz o Senhor, está no solo escolhido para edificar a casa. O segredo está na rocha.

A Rocha

E o que significa, então, construir sobre a rocha? O Evangelho tem a resposta num versículo muito curto: é preciso “*escutar a Palavra e pô-la em prática.*” Estaremos preparados para o fazer? São Palavras duras de ouvir, as Suas, diziam os conterrâneos de Jesus. Duras como granito. Não são palavras que se moldam sob as nossas mãos, que manuseamos segundo a nossa vontade, como os castelos que fazemos na areia. Pelo contrário, temos de ser nós a moldarmo-nos a elas, a submetemo-nos à sua vontade, a crescer sobre, sob, encaixadas nelas, como as casas das aldeias beirãs se moldam e se submetem às rochas.

Escutar e praticar esta Palavra, segundo a parábola de Jesus, é a melhor forma de educar o caráter, cultivando as virtudes da temperança, fortaleza, autodomínio, intrepidez. Não permitamos que os filhos cresçam “moles” como a areia, incapazes de sacrifício e abnegação, esforço e submissão. “Não me apetece, estou cansado”, diziam a seus pais vários adolescentes com quem nos cruzámos nas subidas aos castelos, telemóvel da mão, chinelos de praia nos pés. Os pais, tristes, acabavam por se resignar a subir sozinhos, deixando-os a descansar à sombra. Mas sem subida, não há visão, não há triunfo, não há conquista. Como é bela, a vista sobre o castelo! Vale todos os esforços, toda a sede e todo o cansaço. Nada se lhe compara!

Compromisso

Façamos então da Palavra um bloco de granito que não podemos contornar, recusando ceder à tentação: “hoje não temos tempo, rezamos amanhã”; “Jesus não queria dizer bem isto...”. Façamos da Palavra a base da nossa vida familiar: “*Escuta, Israel! Escuta, pai, escuta, mãe, escuta, filho, escuta, irmão!*” Deixemos que a Palavra nos molde e eduque, em toda a sua pureza e força originais, e *encaixemos* nela a nossa vida.

Se ainda não lemos as três leituras da missa diária, comecemos agora. Se já o fazemos, procuremos novas formas de escutar: registar um versículo diário num “cartão bíblico”, para criar ou aumentar a nossa Arca do Tesouro; aprender a procurar na Bíblia as leituras diárias ou alguns mistérios do Terço, etc. Depois, demos espaço ao diálogo, para encontrar formas de praticar a Palavra escutada, acertando continuamente a rota.

Podemos falhar em muita coisa, ao construir uma família. Mas se queremos que permaneça eternamente, como casa sobre a rocha, não podemos falhar neste esforço contínuo de escutar a Palavra – e de a praticar. Que a Mãe de Caná, que este mês celebramos na sua Natividade e como Senhora das Dores, nos auxilie!